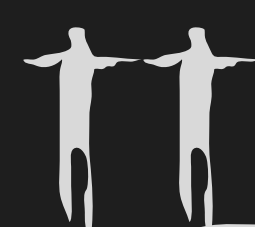
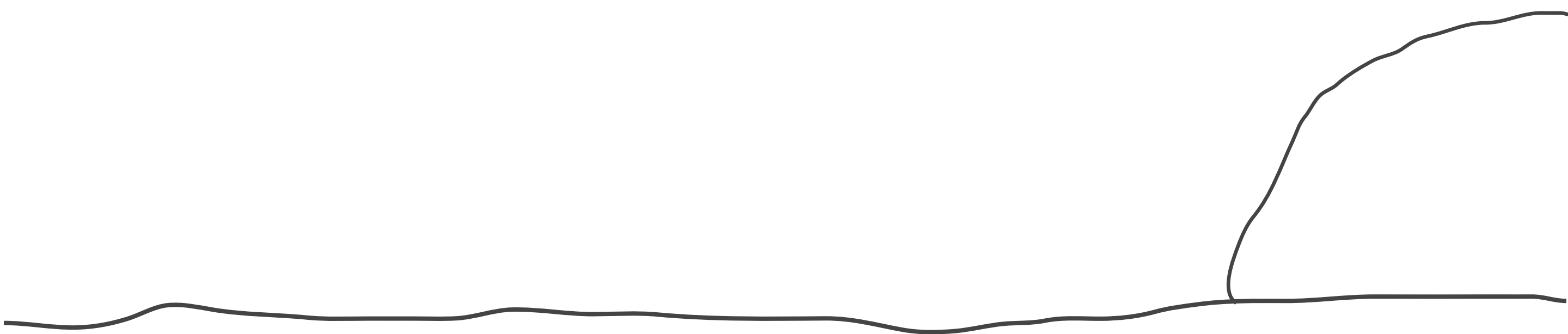
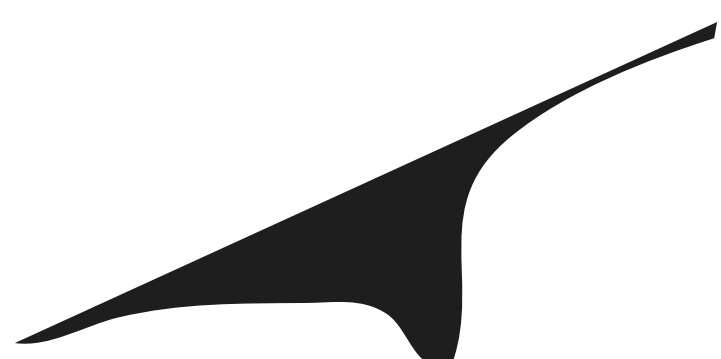


**há sempre,
independentemente,
um novo dia para anoitecer e...**





**Para amanhecer
em pandemia**

Pedi às divindades para não ser
indiferente
à nada
em silêncio elas ouviram
em silêncio acontece

Vejo
e volto àquela noite
à mesma porta
àquela voz

Sueño com serpientes
e contigo vindo em minha direção...

tranço meus cabelos que estão
compriiiiiiiidos
e trilham o caminho que dá para o rio

tudo cintila

atravessas-me por muitos anos
- olho d'água -

as serpentes mutantes
entrelaçando-se sobem aos céus

o veneno está grávido de seu antídoto
Eis a Figueira - inteira
das raízes aos galhos
o tronco, a seiva
os cipós

Pedi às divindades para não ser
indiferente
à nada
em silêncio elas ouviram
em silêncio acontece

Vejo
e volto àquela noite
à mesma porta
àquela voz

Sueño com serpientes
e contigo vindo em minha direção...

tranço meus cabelos que estão
compriiiiiiiidos
e trilham o caminho que dá para o rio

tudo cintila

atravessas-me por muitos anos
- olho d'água -

as serpentes mutantes
entrelaçando-se sobem aos céus

o veneno está grávido de seu antídoto
Eis a Figueira - inteira
das raízes aos galhos
o tronco, a seiva
os cipós

os olhos não alcançam
nossos corpos de rio

Amanhece:
preparas o chá e eu – acordo
com o aroma de teu cantar

A rota dos pássaros
A rua vazia
Amuletos

Nada mais peço
“agora somos todos índios”

Vens pedra por pedra tateando as águas
espero –

espreguiço fazendo as pazes com a morte
com a vida
com esta manhã
que não se cansa em ser
ser
infinitamente
azul